

# Houve uma vez província

*Walter Cezar Addeo*

*Mestre em Filosofia pela Universidade de São Paulo.*

*Crítico literário e de cinema. Membro da APCA – Associação Paulista de Críticos de Arte.*



Vastas demais são as províncias da alma. São “terras do sem-fim” onde paisagens mudam a cada dia, a cada hora. Chega-se lá somente através dos caminhos que a memória abre usando esse estranho cajado que o coração fornece. Então, somos todos peregrinos em busca de uma província particular que construímos o tempo todo. Quanto mais a vida se alonga, mais a buscamos com urgência. Na verdade, a ideia de uma província, que um dia foi um lar perfeito, já está sempre em cada um de nós, como algo que precisamos retomar e completar na vida. Ela está lá atrás no tempo da infância de cada um e ao mesmo tempo lá na frente, em construção. Porque a província, não esqueçamos, é sempre uma elaboração sem fim do espírito humano.

Brito Broca fez essa caminhada em busca de sua província particular. Ele sabia onde ela havia ficado. Sabia o nome da cidade. Mas ao voltar amorosamente para ela, criou uma outra província em que, de certo modo, todos agora habitamos. Através do espaço da escritura é possível fazer esse passe de mágica e instaurar uma província inteira. Serão, agora, sempre duas províncias. Aquela em que o escritor habitou e a que ele escreveu. Brito Broca construiu essa segunda província para todos que abrirem seu livro “Memórias” e se deparar com a narrativa de um dos grandes estilistas da literatura brasileira. Prosa requintada que sabe fazer-se enganosamente simples, convidando o leitor a perder-se nos meandros dessa província que ele transformou definitivamente em escritura.

Esse título, “Memórias”, que remete diretamente a um relato autobiográfico, na verdade, não era o título original. Brito Broca já havia antecipado uma parte de sua biografia que cobre os anos de infância num texto anterior, publicado em 1961 na Revista do Livro, cujo título mais parece o verso de uma poesia perdida. Chamava-se “Quando Havia Província”. Neste título ele já nos avisava que o livro seria mesmo uma recordação comandada pelo coração do escritor. Esse belo título, entretanto, perdeu-se quando da publicação das “Memórias”. Isso porque, em vida, Brito Broca nunca as publicou integralmente. Os diversos textos que a compõem foram recolhidos e compilados pelo seu amigo Francisco de Assis Barbosa que cuidadosamente cuidou da publicação póstuma desses manuscritos e os prefaciou para a edição da Livraria José Olympio, em 1968. Nessas páginas, Brito Broca fizera seu “Amarcord” muito antes de Fellini.

Então, temos que ler esse livro sabendo que Brito Broca está a fazer a reconstrução de uma província que existiu uma vez e que agora só pode ser contada. É uma província encerrada definitivamente dentro do texto onde ele a inscreveu e que tem em nós, seus leitores, os destinatários futuros. Pela arte mágica da escritura, reencontramos o menino e sua cidade. Uma cidade que tem um nome indígena e onde ele começa a descobrir o mundo. Essa Guaratinguetá, nos tempos que ele percorre novamente, era ao mesmo tempo rural e urbana. A cidade ainda não tinha perdido totalmente o seu jeito de vila e o seu contato com o campo. As ruas e os bairros ainda eram extensões das casas e os vizinhos eram meio como parentes de todos. Os bairros periféricos terminavam onde começavam os campos, os sítios, a roça. Espaços cheios de árvores, de matos e riachos onde as crianças brincavam, caçavam passarinhos,

empinavam pipas, construíam amizades “pra toda vida”, brigavam, faziam as pazes e deliciavam-se nas festas juninas com fogueiras e balões. Ninguém ainda tinha medo de balões. A cidade ainda não amedrontava ninguém. Afinal, era ainda a província serena e bela com tardes longas e comidas gostosas feitas em fogões de lenha pelas mães e tias. As mulheres cuidavam das casas. As avós contavam histórias de assombrações, do saci e do tempo dos escravos. Os homens trabalhavam fora, as crianças iam para a escola e o mundo rodava mansamente no seu eixo. O tempo custava para passar, pelo menos aos olhos das crianças. Principalmente para o menino Brito Broca quando queria ir para o seu bairro mágico, a Pedreira, onde ficava o sítio de Tiazinha. Como ele relata, “lá existiam esconderijos de bandidos terríveis, veredas misteriosas, cheias de perigos, onde eu e o meu companheiro inseparável, o José da Tiazinha, nos movimentávamos com o arrojo dos heróis das novelas de cavalaria. A Pedreira significava para mim a liberdade, o direito de correr por aquelas encostas já marginando a zona rural, escalar barrancos, ir até o alto do morro e de lá contemplar o casario humilde cá embaixo, conquistando espaço vital para todas as fantasias infantis”.

Toda a primeira parte dessas memórias é, portanto, a busca por esse tempo perdido da infância e da província. Abre com “o vício impune”, vício esse que foi a sua sede por leitura, seu amor precoce pelos livros. Essa fome por livros o levará a comprá-los na única papelaria da cidade que, um dia, inesperadamente, passou a vender a coleção de romances da editora Garnier. Comprava e mandava pôr na conta do pai. Quando a conta ficou muito alta e não aparecia nenhum pagamento o dono da papelaria foi até seu pai. Descoberto, não teve medo da repreensão paterna, mas detestou a solução que o pai encontrou. Teve que devolver tudo que comprara. Isso lhe doeu mais do que um castigo físico. Mas esse “vício impune” como ele o chama nas “Memórias” continuará por toda a vida e o prenderá definitivamente nas malhas da literatura. Fará dele um dos grandes escritores e crítico literário do país.

É nesse capítulo que ele nos revela os nomes dos folhetins e dos livros de aventuras da época. Os títulos são saborosos e é como a abertura de uma arca perdida cheia de romances do início do século XX que os adolescentes liam, muitas vezes escondidos dos adultos. Nesse tempo, romances de aventuras em quadrinhos eram colecionados capítulo por capítulo e depois encadernados. Assim, ele descobre Nick Carter nos fascículos da revista “Fon-Fon” e Sherlock Holmes editados pela revista “Careta”. Viriam depois Júlio Verne, “As Minas de Prata” e tantos outros. Todos repletos de ilustrações. Num mundo, hoje, dominado pelas imagens do cinema e da TV não podemos mais avaliar o impacto dessas ilustrações e dessas histórias de aventuras no imaginário da garotada. Logo essas séries ilustradas dos folhetins passariam para o cinema. Em 1916, ele nos relata, apareceu um dos primeiros filmes em série exibidos no Brasil, “Os Mistérios de Nova Iorque” que foi acompanhado, em seguida, pelo lançamento dos fascículos do romance. Brito Broca comprava seus livros pelo correio, fascículo por fascículo. Demorava até seis meses para completar um romance.

É dessa primeira parte a genealogia da família. Ao contar a saga de sua gente, Brito Broca nos revela o seu lado de fino humor. Um humor requintado que nos obriga a ler com um riso constante as divertidas e saborosas peripécias da família. Essa forma de humor sutil se constituirá em parte importante do seu estilo e pode ser encontrada, inclusive, na sua obra mais conhecida, “A Vida Literária no Brasil - 1900”, editada em 1956, onde os comentários muitas vezes de duplos sentidos e irônicos sobre a vida social da época dão a tônica desse seu estilo único. Esse estilo, na sua vertente humorística, é devedor daquele tipo de humor inglês que nos chega através de Lawrence Sterne, que, inclusive, já havia influenciado Machado de Assis. Em Brito Broca, Sterne se mistura com a ironia francesa de Voltaire, sempre na medida exata. É uma estratégia estilística interessante, pois lhe permitirá exercer, nas entrelinhas, uma espécie de crítica social que ficará bastante evidente e irá enriquecer todo o texto de “A Vida Literária no Brasil”. Poderia, inclusive, ter havido um “estilo Brito Broca”, influenciando a literatura brasileira se sua obra não tivesse ficado por tanto tempo sem reedição e sem acesso.

Essa capacidade de ver a vida social e literária de maneira oblíqua e de não se deixar enganar pela “feira de vaidades” que ela instaura o tempo todo, talvez venha dessa sua genealogia “caipira”, relatada nas memórias, de ser ele também “filho de Jeca Tatu” como ele mesmo se refere aos “seus Brocas”, gente trabalhadora das “bibocas dos Motas e dos Pilões ou de algum recanto da várzea do Piagui”, que ascenderam por seus próprios méritos sem depender de favores. Essas origens ligadas à roça e à proverbial astúcia do nosso “caipira” lhe garantirão um estilo muito próprio e uma independência crítica que o fará um dos melhores cronistas do seu tempo. Ainda está para surgir uma análise aprofundada desse estilo e dos escritores e pensadores que o influenciaram. Entretanto a leitura atenta dessas “Memórias” já nos dá algumas boas pistas de onde teria surgido esse seu estilo peculiar e sua maneira de narrar.

É como se ele tivesse introjetado a forma divertida dos romances de folhetim ao contar as histórias. Então, nas “Memórias”, passam pelos nossos olhos figuras que parecem ser personagens completamente prontos para um romance de ficção. Lá está a hilária história da possível origem do seu sobrenome “Broca” que ele conta sem nenhum pudor, divertindo-se com a genealogia picaresca do nome. Impossível não notar nessa passagem sobre as origens do seu sobrenome uma semelhança com as confusões que Sterne inventa para justificar o nome do personagem “Tristram Shandy” no livro homônimo. Em ambos os livros os nomes indesejados acontecem por uma sucessão de erros.

Nessa chave de muito humor, estão lá, nas “Memórias”, as tias velhas que cochilam, errando a reza do terço e tendo que recomeçar tudo de novo para desespero de todos. Mas, terço errado não vale, então elas, obstinadamente, recomeçam várias vezes e a oração noturna não termina nunca. Estão lá também as conversas com a avó e suas histórias do saci e de assombrações, seus relatos da vida dos escravos e o relacionamento das famílias com eles. A relação de medo das mulheres com os negros e o relato de um assassinato, no melhor estilo de um perfeito melodra-

ma de folhetim. Sim, Brito Broca, usa deliberadamente o estilo melodramático dos folhetins que leu na infância para transformar esses relatos de velhas histórias de fazendas contadas por sua avó em narrativas vivas, quase cinematográficas. Ainda não foi suficientemente enfatizado como a maneira de contar de Brito Broca é essencialmente visual. Nesse sentido, ele é radicalmente contemporâneo. A incrível sequência do assassinato de Nhá Cota pelo escravo Agostinho é um dos melhores momentos desse estilo visual de contar uma história. Praticamente um roteiro pronto para ser filmado.

A história de sua avó e a fuga do seu avô da cadeia por causa de lutas políticas é um outro momento em que Brito Broca recupera novamente o estilo dos folhetins, transformando-o em ótima literatura. Ele mesmo dá a pista ao dizer que essa sua avó, ao lhe contar tantas histórias da família, “assumiu o papel de uma perfeita heroína de romance. E de romance romanesco, de capa-e-espada, como aqueles que ela gostava de ler na juventude. Quem diria ao vê-la na velhice, tão magra e fraca, tremendo por qualquer coisa, receosa de tudo, que ali estava a principal intérprete de um episódio de Xavier de Montépín”. Brito Broca, portanto, não esconde do leitor o incrível intertexto que está a fazer ao cruzar os estilos dos romances de aventuras que leu na infância com seu próprio estilo ao recontar as histórias da família. Portanto, muito antes de se falar em intertextualidades, Brito Broca, à sua maneira, já estava lançando mão desse recurso ao reutilizar gêneros picarescos diversos para criar sua própria prosa literária.

Passam ainda nessa primeira parte das “Memórias”, sempre pela ótica do menino, toda uma cidade, suas ruas, os sons das ruas, as cantigas, a lanterna mágica, seu primeiro cinema, os soldadinhos de chumbo, a eterna vontade de ganhar presentes novos e o inevitável momento em que o brinquedo novo não tem mais interesse e fica abandonado. Brito Broca nunca se afastará desse ponto privilegiado para contar as histórias de sua infância. É sempre pela visão do menino que as coisas são vistas e entendidas. Na verdade, Brito Broca nos brinda, nessas páginas, com um raro estudo psicológico da infância ao nos revelar, numa forma de pedagogia pragmática, o que realmente pensa e deseja uma criança. Observações muito mais reais do que qualquer obra teórica de pedagogia. É como se ele nos mostrasse ao vivo e com todo o colorido do momento como de fato aprende e reage um menino nas suas experiências concretas frente à vida, frente aos discursos muitas vezes contraditórios dos adultos. Como resolvem a estranha ambiguidade da moral social e dos costumes com que as crianças se deparam tanto dentro de casa como nas ruas e na escola. Passam novamente pelos nossos olhos, ainda, a estranha didática dos grupos escolares de antigamente, a importância da relação professora-aluno, a luta por status frente aos colegas, as primeiras noções de diferenças de classe social entre os alunos. São análises psicológicas admiráveis. Textos que valem por uma aula inteira de pedagogia.

Há, portanto, um mar de histórias nessa primeira parte das “Memórias”. Inclusive de seus primeiros contatos com escritores visitantes na cidade, como Menotti del Picchia, Coelho Neto e Martins Fontes. Brito Broca, o

tempo todo, está a nos seduzir com essas narrativas que se estendem por mais de dois terços do livro. Ele as encandeia como se estivéssemos lendo uma “Mil e Uma Noites da Província”. A ação não pára e seus personagens se sucedem rapidamente, como nos melhores romances de aventura. É esse o segredo dessa escrita que nos prende e nos impede de interromper a leitura. Quando as histórias da província terminam, ficamos meio frustrados. Gostaríamos que elas continuassem por muito tempo.

Sim, houve uma vez província, está a nos dizer Brito Broca ao terminarmos a primeira parte do seu livro, mas também nos diz que ela não pode ser para sempre. Relutantes, nos afastamos, então, da leitura desses contos que fecham a primeira parte das memórias. Como se Brito Broca nos dissesse que toda província é mesmo uma espécie de paraíso provisório de onde, um dia, todos nós somos expulsos. Brito Broca foi igualmente expulso da sua província. Como ele, também temos que ir em frente nessa leitura e sair dessa província onde estivemos mergulhados. As “Memórias” ainda precisam dar conta da sua segunda parte, quando o futuro escritor irá para São Paulo e depois para o Rio de Janeiro onde dará prosseguimento ao seu outro vício impune. O de ser um escritor. Um dia, ele retornará à província através dessa arte da escrita e a fará renascer como um delicioso romance de aventuras, cheio de peripécias, de personagens incríveis e de muita ação. Igual aos romances que alegraram sua infância, que ele colecionava, encadernava e comprava sem ter dinheiro para pagar.

A segunda parte é, então, um outro mundo. A criança e o adolescente ficaram para trás. Agora é o relato do jovem adulto tentando se firmar como cronista e escritor. O humor continua fino e irônico como quando ele nos conta que escrevera um conto e com ele tentou ser publicado no *Correio da Manhã*. Demorou para sair. Já tinha desistido quando quase dois meses depois saiu o conto publicado, mas com o nome de “*Brito Bréca*”. O que parecia um desastre completo acabou sendo benéfico. Alguns anos depois ele descobriu que “podia ter sido acusado de plágio, pois repetira, sem saber, o tema de uma peça de Roberto Gomes”.

Começa então o convívio com grandes escritores como Monteiro Lobato, Cassiano Ricardo, Menotti del Picchia e muitos outros. Menotti, inclusive, lhe indicava obras para ler. É por sugestão de Menotti que ele começa a ler, por exemplo, André Gide, sobre o qual escreveria em 1929, numa época em que o escritor francês era praticamente desconhecido no Brasil. O interesse maior hoje desses relatos sobre seu convívio com escritores novos e consagrados da época é justamente a forma como dessacraliza esses escritores, flagrando-os nos seus momentos de lazer nos cafés e nos bares, quando conversam de maneira solta, falando de suas perplexidades sobre o mundo literário e sobre o Brasil. São “conversas de bar” que Brito Broca nos traz. Raríssimos relatos desses momentos de descontração dos grandes nomes da literatura que as biografias oficiais costumam deixar de lado. É o lado humano, burguês mesmo desses escritores que interessa a Brito Broca e que ele compartilha conosco, como se estivéssemos também nessas mesas de café, de bar, conversando junto com eles. É desse coloquialismo, longe de todo pedantismo literário,

que se nutre a prosa única de Brito Broca. Ler esta segunda parte das memórias é andar por São Paulo junto com ele. Os relatos de pretensos escritores tentando ser editados por Lobato e os comentários do editor, assolado por outros pretensos poetas, são um anedotário precioso que mantém o leitor em diversão constante. Brito Broca é realmente um mestre desse tipo de prosa caricatural e um exímio observador da natureza humana. Assim, são saborosos tanto o relato do improvável marajá de Kapurtala que passou por São Paulo e cujo país ninguém sabia onde ficava, quando o relato da vaia de Marinetti no Cassino Antártica, em 1926, provocada por um mal-entendido da plateia que confundia os modernistas com os futuristas. Assim, Marinetti acabou sendo vaiado porque a plateia, irritada com os modernistas, o pegou para bode expiatório.

Pode-se considerar esse segundo momento das “Memórias” como uma coleção de crônicas sobre a vida paulistana. Daí seu caráter fragmentário. Sabemos que o material dessa segunda parte foi selecionado por Francisco de Assis Barbosa e era um material bastante diferente daquele que foi utilizado na primeira parte. Daí resulta que pareça menos orgânico. Na verdade é a cidade paulista com seu núcleo de escritores e jornalistas, sua vida intelectual nos clubes e teatros, argutamente observada por Brito Broca, que acaba dando unidade aos diversos textos que foram escritos em momentos e por razões completamente diferentes. A maioria deles para o jornal “*A Gazeta*”. Então é preciso considerar essas crônicas paulistanas também como um olhar sociológico sobre a vida cultural de uma cidade. Um trabalho de historiador dos costumes, dessa pequena história que se desenrola no cotidiano das cidades e das pessoas que fazem a vida cultural de uma metrópole. Vamos encontrar essa sociologia dos costumes novamente no seu ensaio sobre “*A Vida Literária no Brasil – 1900*”, numa prova que, ao lado do crítico literário, existia o tempo todo um sociólogo bem humorado da cultura brasileira.

As “Memórias”, então, nos contam um pouco dessa vida literária e social paulistana, mas sempre de uma maneira oblíqua. Pelos olhos de quem realmente nunca quis se afastar totalmente de sua província. Afinal, Brito Broca, como Machado de Assis, sabia muito bem onde habitava aquilo que Nietzsche chamava de “humano, demasiado humano” nas criaturas. Mesmo que esse “demasiado humano” fosse muitas vezes o avesso da figura oficial dos escritores que ele aprendera a admirar quando ainda habitava sua província particular. Essa província particular e amorosa, Brito Broca nunca abandonou e as crônicas da segunda parte das “Memórias” provam isso. Leitura obrigatória para as novas gerações que gostam de livros e trazem consigo aquele mesmo “vício impune” que um dia, na infância, aprisionou para sempre o escritor Brito Broca.

## REFERÊNCIAS:

- BROCA, Brito. *Memórias*. (Texto organizado, anotado e com introdução de Francisco de Assis Barbosa. Prefácio de Otto Maria Carpeaux). Rio de Janeiro: José Olympio, 1968.
- \_\_\_\_\_. Quando havia província”. In: *Revista do livro* n. 21-22, março-junho. Rio de Janeiro, 1961.